

O estudo das primeiras expedições à Terra-Nova, que marcam para Bordéus o início de uma nova era, fornece uma espécie de fundo de pano geral da obra.

O volume de apêndices (o 3º), condensa, sob a forma de quadros, a substância de todos os documentos que interessam a história marítima de Bordéus — principalmente os milhares de conhecimentos e de fretamentos — anteriores a 1520, conservados nos arquivos notariais da *Garde-Note* bordelesa.

E. S. P.

* *
*

VIOTTI, S. J. (Pe. Hélio Abranches). — *Anchieta — O Apóstolo do Brasil*.
Edições Loyola, São Paulo, 1966, 340 páginas.

O livro que acaba de ser citado, tirou o 1º lugar no concurso promovido pela “Comissão Nacional das Comemorações do Dia de Anchieta”, em 1965. Esse resultado não causou a mínima surpresa entre os outros concorrentes, pois sabe-se que o Pe. Viotti é a maior autoridade sobre Anchieta, como demonstram os artigos e livros publicados; e como se pode verificar através das fontes e bibliografia que complementam a erudita biografia, da qual destacamos o seguinte:

— “A causa de beatificação do venerável padre José de Anchieta”. Rio, 1953. “Primeira visita de Nóbrega a Piratininga” em *Jornal do Comércio*, de 18-X-1953, e no periódico “O Estado de São Paulo”, de 25-X-1953. “Aspectos da Fundação de São Paulo, através de escritos nobreguenses”, em “*Revista de História*”, VI, 21 e 22 (janeiro-junho de 1955). “Para uma biografia de Nóbrega”, em “*Revista de História*”, VII, 28 (outubro-dezembro de 1956). “O processo remissorial de 1627-1628 em São Paulo relativo à canonização de Anchieta”, em “*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*” (RAMSP), CLIX (1957). “Alguns documentos inéditos sobre o Pe. Anchieta”, em “*Revista de História*”, X, 39 (julho-setembro de 1959). “Anchieta, autor do Poema de Mem de Sá”, em “*Verbum*”, XX, 2 (junho de 1963), etc.

*

Tanto este livro como as outras obras são etapas preparatórias de uma obra definitiva, que está sendo preparada pelo autor. Essa obra definitiva, vai possivelmente ocupar um pósto alto na historiografia contemporânea.

O Prof. Viotti não se limita a uma biografia como se encontra nos dicionários e enciclopédias. O Prof. Viotti faz um estudo do século XVI apresentando excelentes resumos dos primeiros tempos da história do Brasil, dando mais atenção ao passado de São Paulo, conforme se pode ver através de alguns tópicos do índice.

“O Brasil ao tempo de Anchieta”, “São Paulo de Piratininga”, “A conversão do Brasil”, “Fundação do Rio de Janeiro”, “Catequese dos Maromís”, etc.

Pretendemos dividir esta resenha em duas partes:

Em primeiro lugar, apresentar um resumo do livro, porque Anchieta é uma personagem histórica estudada pelos alunos dos cursos primários, secundário e superior. Em segundo lugar, fazer algumas críticas e sugestões que eventualmente poderão ser usadas na obra definitiva.

*

No arquipélago das Canárias, localizado a oeste do Cabo Bojador, a maior e mais bela ilha é a de Tenerife. Essa ilha teve o feliz privilégio de ser o berço de uma personagem que futuramente seria um dos maiores e mais famosos vultos da história brasileira e portuguesa.

Essa personagem não era nada mais nada menos do que o futuro apóstolo José de Anchieta, que veio ao Brasil em 1553, com dezenove anos, como Irmão da Companhia de Jesus, por motivos de saúde, e mais tarde se associou ao Pe. Manuel da Nóbrega para catequisar os índios. Nóbrega já tinha vindo ao Brasil em 1549 com Tomé de Sousa, o primeiro governador. O Pe. Manuel da Nóbrega, era o Provincial de um grupo formado pelos padres João de Aspícueta Navarra, Leonardo Nunes, Antônio Pires, e dois irmãos leigos: Diogo Jácome e Vicente Rodrigues. Todos mandados por El-rei D. João III, o Colonizador, e por ordem do Pe. Inácio de Loila, fundador da Companhia de Jesus. A comitiva saiu de Lisboa no dia 1º de fevereiro, aportando na Baía de Todos os Santos, no dia 29 de março de 1549, quatro anos antes da chegada de Anchieta ao mesmo lugar.

Mas voltemos a Anchieta. Tendo êste nascido no dia consagrado a São José, 19 de março de 1534, seus pais, João López de Anchieta e D. Mência Dias de Clavijo y Llarena, deram-lhe o prenome de José. Anchieta era o terceiro filho do segundo matrimônio de sua mãe. Com mais dois do primeiro eram doze ao todo. Além de suas duas irmãs falecidas, cujos nomes não se sabe, Melchior, outro seu irmão, que morreu no México; Bartolomeu, também seu irmão, morreu combatendo em Flandres.

Até aos treze anos, Anchieta freqüentou escolas perto de casa, aos catorze em companhia de seu irmão mais velho Pedro Nuñez, foi ao colégio das artes em Coimbra; êsse colégio tinha excelentes professôres, Diogo de Teive foi ali seu mestre principal.

Anchieta em Coimbra era um dos melhores alunos, tendo muita vocação para a poesia latina. Foi aí que conheceu uma nova ordem religiosa, a Companhia de Jesus, fundada por um dos seus parentes o Pe. Inácio de Loiola. Aos 17 anos, em 1 de maio de 1551 Anchieta entrou na Companhia de Jesus, mas prosseguiu seus estudos de Filosofia.

Em fins de 1551 Anchieta sofreu uma grave moléstia na coluna vertebral, agravando-se dia a dia.

Essa terrível moléstia fez com que Anchieta em meados de 1552, se recohesse à enfermaria; os médicos não conseguiam fazer nada, quando um dêles declarou que o clima do Brasil seria ótimo para o enfêrmo.

Anchieta embarcou para o Brasil em princípios de 1553, e chegou em meados dêsse mesmo ano à terra de Cabral.

Em fins de 1553, Anchieta já estava curado, e juntando-se a Manuel da Nóbrega, passa a catequisar os índios.

Anchieta tendo começado seu serviço de catequese na Bahia, continuou-o mais ativamente, ao ser transferido para a capitania de São Vicente, sob as ordens do Pe. Manuel da Nóbrega. Fato histórico ocorreu a 25 de janeiro de 1554, com a fundação da Capela dedicada a São Paulo de Piratininga, nos campos de Piratininga, na qual Anchieta e outros jesuitas cooperaram. Fato histórico porque foi o berço desta grande Metrópole — “a cidade que mais cresce no mundo”. Além da capela havia um colégio. Anchieta ensinou aritmética, linguagem, ciências etc., às

crianças indígenas, de 1554 a 1563, pois foi o primeiro missionário que aprendeu a língua dos índios e até escreveu uma *Gramática*, que foi usada pelos seus discípulos

O único caminho que ligava as praias de São Vicente com a então vila de São Paulo era uma antiga trilha feita ao redor de 1500 pelos tupiniquins, e percorrida depois por Martim Afonso de Sousa e João Ramalho. Foi essa trilha que Anchieta percorreu em fins de 1563. O caso foi êste: tendo Mem de Sá suprimido a vila de Santo André, os antigos habitantes desta vila vieram para São Paulo e encheram de tal forma a aldeia, que a transformaram de uma simples aldeia numa importante vila, e Anchieta vendo que não tinha mais nada a fazer resolveu caminhar para o litoral e "transportar" o colégio para a cidade de São Vicente.

Anchieta pelo caminho espalhava paz e catequese entre os indígenas, como mostrou e provou o seu desejo de paz no armistício do Iperoigüe.

Anchieta ao chegar ao litoral da capitania estabeleceu lá de novo a sua catequese, como tinha feito em São Paulo durante nove anos (1554-1563). Na sua nova catequese no litoral fez a mesma coisa do que fez em São Paulo, só que durante dois anos (1563-1565), Anchieta se notabilizou pelo hábito de escrever poemas na areia das praias, com um tóco de madeira, sendo o mais famoso o poema dedicado à Virgem Maria.

As autoridades portuguesas encarregaram o capitão Estácio de Sá de aproar na Guanabara e libertá-la dos tamoios que a ocupavam; Anchieta e Nóbrega partiram para a Guanabara para servirem como mediadores.

A 6 de julho de 1565 Estácio de Sá obteve vitória sobre os tamoios. Logo depois, a 20 de janeiro de 1565, Estácio fundou a vila de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Depois Anchieta voltou para São Vicente onde se ocupou também em pregações. E assim ficou Anchieta até 1574. Nesse ano começou a mais brilhante catequese realizada por Anchieta: a catequese dos maromomis.

Depois disso Anchieta foi por terra à Bahia de onde voltou em 1577. Entre 1578 e 1588 Anchieta fundou as aldeias de Reritiba, de São Inácio, ou Reis Magos.

Em 1591 Anchieta chegou à capitania do Espírito Santo, e em 1596 caiu enfermo. No dia 8 de junho de 1597 Anchieta piorou muito e seu estado era desesperador. No dia seguinte morreu.

Desde a sua chegada ao Brasil até à sua morte Anchieta tinha catequizado cerca de 9.000 indígenas.

Anchieta chegara, usando métodos próprios, como teatro, festas, procissões, a ensinar latim aos aborígenes. Era um verdadeiro professor, como poucos assim existem.

O mais notável de seu caráter foi o espírito voluntário de catequizar os indígenas, por instinto religioso.

Críticas e Sugestões.

Sugerimos que se imprimisse um roteiro com os caminhos trilhados pelo apóstolo Anchieta. Assim como mapas das capitanias de São Vicente e de Espírito Santo.

Sugerimos também que se fizesse *fac-simile* dos principais textos estudados, assim como se fez a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, na *Revista de História* nº 73 (janeiro-março-68) páginas 200 a 227.

Considerando que o autor escreveu sobre o século XVI, empregando expressões que atualmente não estão mais circulando (ex. "fogos", "advernas", "pro-

víncias”, “línguas”, “abará”, “negros” etc.) seria interessante que o autor apresentasse um vocabulário semelhante ao que escreveu a professora Alice Canabrava na Introdução à reedição do livro de Antonil, *Riquezas e opulências do Brasil*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1967, págs. 113-123.

Outra observação. O autor não se preocupou muito com a sucessão dinástica e a cronologia, provocando confusão, ao deixar de dar os ascendentes e descendentes de seu biografado e de outras personagens citadas.

Estas observações poderão ser eventualmente aproveitadas pelo autor na obra definitiva.

JOAQUIM MANUEL BRANDÃO DE CARVALHO

* *

*

REIS FILHO (Nestor Goulart). — *Evolução urbana do Brasil (1500-1720)*.

São Paulo. Pioneira. 1968. 235 págs., com ilustrações.

Este livro, com algumas modificações, é a tese de Livre-Docência apresentada pelo Professor Nestor Reis à Cadeira de História da Arquitetura III da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo, em 1964, tese em que procura “contribuir para o conhecimento sistemático do processo de urbanização no Brasil colonial e, através dêste, para o conhecimento dos principais determinantes da Arquitetura urbana colonial”.

Numa bibliografia que já vai se tornando rica sôbre os problemas de evolução urbana no Brasil — onde se destacam Richard Morse, Caio Prado Jr., Geiger, Aroldo de Azevedo, Pasquale Petrone, Maria Luiza Marcílio, Sylvio de Vasconcelos entre outros, — o presente trabalho de Nestor Goulart Reis Filho assume importância na medida em que vem discutir a dimensão social e colonial do nosso processo de urbanização. Sabendo o Autor que as formações urbanas brasileiras podem ser discutidas e analisadas sob um prisma científico, mostra que “não constituem um conjunto de dados aleatórios mas são parte de uma estrutura dinâmica — a rede urbana — que deve ser compreendida” (pág. 15) se se deseja entender as formações urbanas de nosso país.

Mas a colocação básica do trabalho é dada quando o Autor vai mostrar que tal estrutura dinâmica (rede urbana) está sujeita a um “processo de origem social — processo de urbanização — que determina o aparecimento daquelas formações” (pág. 15). Para tal análise vai indicar a necessidade do conhecimento do *sistema social da Colônia*, bem como das linhas gerais da política de colonização portuguesa. Todo o primeiro capítulo da obra em questão é dedicado ao estudo da organização político-administrativa e do relacionamento entre a estratificação social e organização econômica, sendo ponto de maior interesse a análise das atividades econômicas urbanas e as camadas sociais correspondentes (pp. 49 a 65), onde mostra que “não sendo possível aos centros urbanos desenvolverem formas de economia complementares da rural, apenas uma parcela muito pequena dos rendimentos da colônia permanecem no meio urbano, com um esbôço de comércio ou manufatura, praticamente inexistente nos centros menores e apenas presente nos de maior importância” (p. 50). Embora o Autor reconheça que não houve nos núcleos brasileiros uma economia urbana própria “senão na segunda metade do século XVII”, existiam atividades econômicas regulares, de caráter urbano, que correspondiam à parcela permanente de sua população. Nestor Goulart considera e examina com cuidado tôdas as formas de rendimento na